

FICHA TÉCNICA

Título original: *Red Rising*

Autor: *Pierce Brown*

Copyright © 2014 by Pierce Brown

Mapa © by Joel Daniel Phillips

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Miguel Romeira*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Fotografia do autor: © Joan Allan

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, março, 2015

Depósito legal n.º 388 024/15

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

De bom grado teria vivido em paz. Mas os meus inimigos trouxeram-me a guerra.

Neste momento, estou a ver mil e duzentos dos mais fortes dos seus filhos e filhas. Estou a ouvir um impiedoso Dourado, que, de pé entre duas enormes colunas de mármore, nos vai falando. Estou a ouvir o monstro que ateou o fogo que agora me róí o coração.

— Os homens *não* nascem todos iguais — declara ele. Alto e arrogante, parece mais uma águia do que um homem. — Os fracos enganaram-vos. Diriam eles que devem ser os mansos a herdar a Terra. Que os fortes devem proteger os brandos. É essa a Nobre Mentira da Democracia. O cancro que envenenou a raça humana. — O seu olhar trespassa os estudantes ali reunidos. — Vocês e eu somos Dourados. Somos o auge da evolução. Estamos acima da pilha de carne humana e chefiamos as cores Rasas. Vocês herdaram esse legado. — Fazendo uma pausa, estuda os rostos da assembleia. — Mas essa não é uma herança gratuita.

» O poder tem de ser reivindicado. A riqueza tem de ser ganha. O governo, o domínio e o império compram-se com sangue. Vocês, crianças sem cicatrizes, não merecem nada. Desconhecem a dor. Não sabem o que os vossos antepassados sacrificaram para vos erguer a estas alturas. Mas sabê-lo-ão em breve. Em breve, ensinar-vos-emos por que razão Deus manda na raça humana. E prometo-vos que, de todos vocês, sobreviverão apenas aqueles que são talhados para o poder.

Acontece que eu não sou um Dourado. Sou um Vermelho.

Ele julga que os homens como eu são fracos. Acha-me burro, débil, sub-humano. Não cresci em palácios. Não cavalguei pelos prados nem a comida me foi dada à boca por beija-flores. Fui forjado nas entranhas deste mundo cruel. Fui moldado pelo ódio. O amor fortaleceu-me.

Ele está enganado.

Nenhum deles sobreviverá.

PRIMEIRA PARTE

ESCRAVO

Há uma flor que cresce em Marte.
É vermelha e selvagem e adequa-se ao nosso solo.
Chama-se *haemanthus*,
nome que significa «flor de sangue».

O MERGULHÃO

Antes de mais nada, é preciso dizer que saio ao meu pai. E, quando eles o vieram buscar, fiz o que ele me pedira. Não chorei. Não chorei quando a Sociedade difundiu as imagens da detenção. Ou quando os Dourados o julgaram. Ou quando os Cinzentos o enforcaram. Por causa disso, a minha mãe bateu-me. Supunha-se que o estoico era o meu irmão Kieran. É ele o mais velho; eu sou o mais novo. Era suposto eu chorar. Em vez disso, o Kieran desfez-se em lágrimas como uma menina quando a pequena Eo foi enfiar uma *baemanthus* na bota esquerda do meu pai, regressando depois a correr para junto do seu próprio pai. Ao meu lado, a minha irmã Leanna murmurou um lamento. Eu apenas observei, enquanto pensava como era uma pena ele ter morrido a dançar não tendo calçados os seus sapatos de dançar.

Em Marte, a gravidade é baixa. Por isso, para partir o pescoço a alguém é preciso puxar-lhe os pés. Eles deixam que sejam os entes queridos a fazer isso.

Sinto o meu próprio mau cheiro dentro do fatoestufa. O fato é feito de uma espécie de nanoplástico e, tal como o nome sugere, é quente. Isola-nos dos pés à cabeça. Não entra nada. Não sai nada. Principalmente o calor. O pior é que não podemos limpar o suor dos olhos. E arde com'ó raio ao escorrer da fita que uso na testa para ir formar uma poça aos meus calcanhares. Já para não falar no pivete quando a gente mija. Coisa que fazemos sempre. Bebemos muita água pelo tubo. Podíamos pedir para nos porem um cateter, suponho. Mas preferimos o pivete.

Enquanto opero a garraFuradeira vou escutando pelo auricular os mexericos que os mineiros do meu clã contam uns aos outros. Estou sozinho neste túnel subterrâneo, numa máquina que parece uma gigantesca mão de metal a fincar-se no chão e a desfazê-lo. O assento está fixado onde seria o cotovelo da garraFuradeira e é daí que a opero. Os meus dedos estão enfiados em luvas de comando que manipulam as brocas — muitas, como tentáculos — situadas cerca de noventa metros abaixo do meu assento, fazendo-as derreter a pedra. Diz-se que, para sermos Mergulhões, temos de conseguir mexer os dedos tão depressa como línguas de fogo. Os meus são ainda mais rápidos do que isso.

Apesar das vozes que vou escutando pelo auricular, estou sozinho aqui no túnel. A minha existência reduz-se à trepidação, ao eco da minha própria respiração e a um calor tão denso e nocivo que me sinto como se me tivessem embrulhado num grosso edredão feito de mijo quente.

Um novo rio de suor escapa-se por cima da fita escarlate na minha testa e escorre-me para os olhos, fazendo-os arder até ficarem avermelhados como o meu cabelo cor de ferrugem. Dantes levava a mão à cara para tentar limpar o suor, conseguindo apenas arranhar futilmente a viseira do meu fatoestufa. Ainda tenho esse reflexo. Mesmo ao fim de três anos, o suor a pingar e a arder continua a ser uma tortura.

A luz amarelo-sulfúrea de um círculo de lâmpadas banha as paredes do túnel em redor do meu assento. Ao olhar para o alto do estreito poço vertical que escavei hoje, vejo que a luz não alcança a abertura. Lá em cima, o precioso hélio-3 brilha como prata líquida, mas eu estou a observar as sombras, à procura das víboras-covinha que vão serpenteando pela escuridão, em busca do calor da minha furadeira; conseguem rasgar-nos o fato com as suas presas e depois metem-se-nos pela carne adentro, para se irem enfiar no sítio mais quente que conseguirem encontrar — a nossa barriga, de uma forma geral —, onde então põem os seus ovos. Já fui mordido uma vez. Ainda tenho pesadelos com aquela criatura preta, semelhante a um fio de óleo muito espesso. Podem chegar a ser tão grossas como uma coxa e a atingir um comprimento de três homens, mas é das crias que temos medo; não sabem dosar o veneno. Tal como no meu caso, também as suas antepassadas vieram da Terra e depois foram transformadas por Marte e pelos túneis profundos.

Aqui, muito abaixo do chão, a atmosfera é sinistra. Solitária. Ouve-se o rugir da furadeira e, mais afastadas, as vozes dos meus

companheiros, todos mais velhos do que eu. Encontram-se apenas meio quilómetro mais acima, mas, na escuridão, não os consigo ver. Vão perfurando junto à entrada do túnel que abri; descem ao seu interior com ganchos e cordas e, suspensos junto às paredes, chegam aos pequenos veios de hélio-3. Trabalham com brocas de um metro, moendo a pedra. A sua tarefa também requer uma espantosa destreza de mãos e de pés, mas o elemento fundamental da equipa sou eu. Sou o Mergulhão, um posto que só se adequa a certo tipo de indivíduo — e sou também o mais jovem de que há memória.

Há três anos que estou nas minas. Começa-se aos treze. Se já temos idade para «empernar», também já temos para trabalhar. Pelo menos, foram essas as palavras do meu tio Narol. Mas eu só me casei há seis meses, portanto não sei porque disse ele semelhante coisa.

De olhar no painel de instrumentos, tentando fazer os dedos da garraFuradeira rodearem um novo veio, começo a pensar na Eo. *Eo*. Às vezes, é difícil pensar nela sem ser como lhe chamávamos em pequenos.

A pequena Eo, uma miudinha que mal se via sob a abundante cabeleira ruiva, tão avermelhada como as rochas a toda a minha volta — não um vermelho-vermelho, mas um vermelho-ferrugem. Um vermelho como o do nosso lar, como o de Marte. A Eo também tem dezasseis anos. E, embora igual a mim — descende de um clã de mineiros Vermelho, um clã de gente alegre que trabalha o solo —, quase poderia ser feita de ar, feita do éter que rodeia as estrelas formando como que uma manta de retalhos. Não que eu alguma vez tenha visto as estrelas. Nenhum Vermelho das colónias mineiras vê as estrelas.

A pequena Eo. Quiseram casá-la quando ela fez catorze anos, como acontece com todas as raparigas dos clãs. Mas ela optou pelas rações mais pequenas e esperou que eu fizesse dezasseis anos, a idadeCasadoira dos homens, para então enfiar o cordão no dedo. Disse-me que sabia, desde a nossa infância, que acabaríamos por nos casar. Eu não sabia isso.

«Alto. Alto. Alto!», grita-me o tio Narol pelo auricular. «Darrow, alto aí, rapaz!» Os meus dedos imobilizam-se. Ele está lá no alto com os restantes, a monitorizar o meu trabalho pelo rádio.

— Qual é a espiga?! — pergunto, chateado. Não gosto de interrupções.

«*Qual é a espiga?*», pergunta o mergulhãozito», imita o velho Barlow com uma risada.

«Uma bolsa de gás, é o que é», responde-me o Narol, irritado. É ele o vozChefe da nossa equipa de mais de duzentos. «Aguenta! Estou a chamar uma equipaSonda para nos dar os pormenores; não nos faças ir pelos ares.»

— Aquela bolsa de gás? É uma coisinha de nada — digo eu. — Melhor seria chamar-lhe uma «borbulha de gás». Eu consigo dar conta dela.

«Um ano a operar uma furadeira e já acha que sabe o que anda a fazer! Palerma caga-tacos», diz o velho Barlow num tom seco. «Recorda as palavras do nosso líder dourado. “Paciência e obediência”, jovem. “A coragem faz-se sobretudo de paciência e a humanidade faz-se sobretudo de obediência”. Dá ouvidos aos mais velhos.»

Reviro os olhos ao escutar aquele epigrama. Se os mais velhos fossem capazes de fazer o que eu faço, então talvez houvesse algum mérito em dar-lhes ouvidos. Mas eles são lentos, tanto de mãos como de raciocínio. E, às vezes, tenho a impressão de que querem que eu também seja assim — principalmente o meu tio.

— Estou com embalo — digo-lhe. — Se acham que há alguma bolsa de gás, posso sair da furadeira e ir examiná-la eu mesmo. É fácil. Escusa de haver complicação.

E eles põem-se a pregar cautela. Como se a cautela alguma vez os tivesse ajudado. Há séculos que não ganhamos um Louvor.

«Queres deixar a Eo viúva?» O Barlow ri e a sua voz confunde-se com o crepitar da estática. «Por mim, tudo bem. Ela até é engraçada. Põe-te a furar essa bolsa de gás e deixa-a para mim. Mesmo sendo velho e gordo, a minha broca ainda faz moça.»

Os duzentos mineiros por cima de mim juntam-se num coro de risos. Aperto os controlos da garraFuradeira até ficar com os nós dos dedos brancos.

«Dá ouvidos ao tio Narol, Darrow; o melhor é não avançar até termos uma análise», intervém o meu irmão Kieran. É três anos mais velho. Por causa disso, acha-se um sábio, julga que sabe mais do que eu. Mas tudo o que ele sabe é ser cauteloso. «Temos tempo.»

— Tempo?! Caramba, isto vai levar horas! — respondo com brusquidão. Tenho-os todos contra mim. Mas acontece que eles estão todos errados e são vagarosos e não veem que nos basta um ato arrojado para ficarmos com o Louvor. Pior do que isso, duvidam de mim. — Está a ser cobarde, Narol.

Do outro lado da linha, silêncio.

Chamar «cobarde» a um homem não é a melhor maneira de conseguir a sua cooperação. Não devia ter dito isto.

«Eu cá, digo para fazeres tu mesmo a verificação», grasna o Loran, que é filho do Narol e meu primo. «Caso contrário, quem sai a ganhar são os Gama; ficarão com o Louvor aí pela centésima vez.»

O Louvor. Vinte e quatro clãs na colónia mineira subterrânea de Lykos, com um Louvor atribuído a cada trimestre. Um Louvor significa comida que nunca mais acaba; significa mais mechas para fumar; significa mantas importadas da Terra; significa cerveja feita pelos Âmbares, com o selo de qualidade da Sociedade. Significa ganhar. Não há memória de outro clã que não o dos Gama ter alguma vez ganhado o Louvor. Por isso, nós, os clãs inferiores, habituámo-nos às cotas — que dão à justa para sobrevivermos. A Eo diz que o Louvor é a cenoura com que a Sociedade nos acena, mantendo-a sempre ligeiramente para lá do nosso alcance — apenas o suficiente para termos noção de quão perto estamos de o conseguir e de quão pouco podemos fazer para o conquistar. Supostamente, somos pioneiros. A Eo chama-nos «escravos». Pela minha parte, acho que nunca nos esforçamos o suficiente. Por causa dos velhos, nunca corremos os grandes riscos.

«Loran, cala-te com isso do Louvor. Se ele furar a bolsa de gás, não vai haver mais raio de Louvor nenhum, rapaz», rosna o tio Narol.

Está a arrastar as palavras. Quase consigo cheirar-lhe a piela pelo auricular. O que ele quer é chamar uma equipa de análise para sacudir a responsabilidade das costas. Ou então está com medo. O raio do bêbado já nasceu a mijar-se de medo. Medo de quê? Dos nossos líderes, os Dourados? Dos seus lacaios, os Cinzentos? Quem saberá ao certo? Muito pouca gente. E quem se interessa? Ainda menos. A verdade é que o único homem que alguma vez se importou com o meu tio morreu com o meu tio a puxar-lhe os pés.

O meu tio é um fraco. Cauteloso e descontrolado com a bebida, é uma pálida sombra do meu pai. Pestaneja devagar e pesadamente, como se lhe doesse de cada vez que abre os olhos e torna a ver o mundo. Não me inspira confiança tê-lo cá em baixo nas minas — ou seja onde for. Mas a minha mãe dir-me-ia para lhe dar ouvidos, lembrar-me-ia que devo respeitar os mais velhos. Embora já tenha casado e seja também o Mergulhão do meu clã, ela diria que «as minhas bolhas ainda não se transformaram em calos». Vou obedecer, embora isso me deixe tão furioso como as gotas de suor a escorrerem-me pela cara.

— Está bem — murmuro.

Apertando o manípulo de comando da furadeira, aguardo enquanto o meu tio vai dirigindo as operações, da segurança da câmara por cima do túnel subterrâneo. Isto vai levar horas. Faço as contas. Faltam oito horas para o fim do turno. Para vencermos os Gama, tenho de manter uma média de 156,5 quilos por hora. Na melhor das hipóteses, vai demorar duas horas e meia até a equipa Sonda chegar e fazer o seu serviço. Portanto, depois disso terei de extrair 227,6 quilos por hora. Impossível. Mas, se me lixar para a chatice da análise e prosseguir, o Louvor está no papo.

Pergunto-me se o tio Narol e o Barlow saberão quão perto estamos de ganhar. É provável que sim. Mas também é provável que jamais achem que alguma coisa vale o risco. É provável que achem que as nossas hipóteses serão lixadas por intervenção divina. O Louvor pertence aos Gama; é assim que as coisas são e sempre serão. A nós, os Lambda, resta-nos sobreviver com os alimentos e os míseros confortos de que dispomos. Jamais subimos. Jamais descemos. Nada vale o risco de mudar a hierarquia. O meu pai descobriu isso mesmo pendurado numa corda.

Não há nada que mereça arriscar a vida. Pressionando contra o peito a aliança matrimonial feita de seda e de cabelos, enfiada num cordão que trago em volta do pescoço, penso nas costelas da Eo.

Este mês vou ver-lhe mais umas quantas, muito finas, sob a pele. Ela há de ir pedir restos de comida às famílias Gama, julgando que me consegue enganar. E eu farei de conta que não sei. Mas, mesmo assim, passaremos fome. Como demais porque tenho dezasseis anos e ainda estou a crescer; a Eo mente, dizendo sempre que não tem muito apetite. Em troca de comida ou de pequenos luxos, algumas mulheres vendem-se aos Badamecos (em rigor, os Cinzentos), as tropas de vigia que a Sociedade pôs de plantão na nossa pequena colónia mineira. A Eo não venderia o corpo para me alimentar. Ou venderia? Penso melhor no assunto. Eu seria capaz de tudo para lhe arranjar o que comer...

Olho lá para baixo, por sobre a extremidade da broca da furadeira. Do meu assento até ao fundo do buraco que abri, a queda é alta. Não há ali mais nada senão pedra derretida e brocas a zunir. Antes que me dê conta do que estou a fazer, desaperto as alças que me prendem ao assento e, de *scanner* na mão, salto lá para baixo — uma queda de cem metros —, em direção aos dedos da furadeira. Para abrandar a queda, vou apoiando os pés contra a parede do poço vertical e contra a longa broca. Ao estender um braço para me agarrar a uma engre-

nagem de ligação logo acima dos dedos da furadeira, certifico-me de que não há nenhuma víbora-covinha ali por perto. As dez brocas estão incandescentes, formando uma tremulina. Sinto o calor no rosto; crava-se-me nos olhos e arde-me na barriga e nos tomates. Se não formos cuidadosos, estas brocas derretem-nos os ossos. E eu não sou cuidadoso; sou ágil e mais nada.

Segurando-me, ora com uma mão, ora com a outra, continuo a descer, metendo os pés por entre os dedos da furadeira, de maneira a conseguir aproximar suficientemente o *scanner* da bolsa de gás para obter uma leitura. O calor é insuportável. Isto foi um erro. Ouço gritarem comigo pelo auricular. Quase roço numa das brocas ao conseguir finalmente alcançar a bolsa de gás. Na minha mão, o *scanner* vai piscando enquanto faz a medição. Começam a formar-se bolhas no meu fato e sinto um intenso cheiro adocicado, igual ao do xarope queimado. Para um Mergulhão, esse é o cheiro da morte.

O DISTRITO

O meu fato não aguenta o calor aqui em baixo. A camada exterior já derreteu quase toda. Depressa o mesmo acontecerá à segunda. Mas, então, acende-se uma luz prateada no *scanner*; já tenho o que me trouxe aqui. Quase nem dava por isso. Entontecido e assustado, iço-me para fora do alcance das brocas. Alternando as mãos, subo energicamente, afastando-me o mais depressa possível daquele calor horrível. E, então, fico preso; tenho um pé enfiado mesmo por baixo de uma das engrenagens de ligação de um dos dedos da furadeira. Olho para baixo, em pânico. Encho-me de pavor. Vejo o calcanhar da bota a derreter. A camada exterior desaparece. A segunda começa a borbulhar. A seguir, será a minha carne.

Obrigo-me a respirar fundo, estrangulando os gritos que me vão subindo à garganta. Lembro-me da minha facaFoice articulada e puxo-a da bainha nas minhas costas. Trata-se de uma lâmina cruelmente curva, tão comprida como a minha perna, cuja função é amputar e cauterizar algum membro que fique preso nas máquinas, como é agora o caso. A maioria dos homens entra em pânico ao ver-se preso e, por isso mesmo, a facaFoice é uma impiedosa arma em forma de meia-lua, feita de propósito para ser usada por mãos atrapalhadas. Mas, mesmo estando eu aterrorizado, as minhas mãos não se atrapalham. Desfiro três golpes com a facaFoice, cortando o nanoplástico e não a minha carne. Ao terceiro golpe, estico um braço e consigo soltar a perna. Ao fazer isso, os nós dos meus dedos roçam uma broca. Uma dor escaldante sobe-me pela mão. Sinto o cheiro da carne queimada, mas já me icei e já estou a afastar-me daquele calor infernal e a voltar para o meu assento, enquanto rio sem parar. Mas o que me apetece é chorar.

O meu tio tinha razão. Eu estava errado. Mas raios me partam se vou deixar que ele perceba isso.

«Idiota», é o seu comentário mais simpático.

«Maníaco! És maníaco com'ó raio!», berra o Loran.

«A quantidade de gás é mínima», informo. «Vou recomeçar a furar, tio.»

Quando soa o toque de fim de turno, os cabos Tratores obrigam-me a parar. Saindo da minha furadeira, deixo-a ali no túnel subterrâneo para o turno da noite. Uma das minhas mãos exaustas agarra a corda que os outros fazem descer pelo poço de um quilómetro, para me ajudarem a subir dali para fora. Mesmo com as costas da mão em carne viva por causa da queimadura, vou-me içando até sair do poço. Eu, o Kieran e o Loran vamos ter com os outros ao gravElevador mais próximo. Luzes amarelas pendem do teto como aranhas.

Quando chegamos ao retângulo do gravElevador, o meu clã e os trezentos homens dos Gama já enfiaram os dedos dos pés sob a guarda metálica. Procurando evitar o meu tio, que está danado de fúria, recebo dúzias de palmadinhas nas costas pela minha proeza. Os mais novos como eu estão convencidos de que ganhámos o Louvor. Sabem qual é a minha média mensal de extração de hélio-3; ultrapassa a dos Gama. Os velhadas limitam-se a resmungar e a dizer que somos uns parvos. Escondendo a mão, enfio os dedos dos pés no sítio devido.

A gravidade altera-se e subimos disparados. Um palerma dos Gama que ainda nem uma semana de ferrugem tem debaixo das unhas esqueceu-se de meter os dedos dos pés sob a guarda metálica. Por isso, fica a pairar no ar enquanto o elevador sobe disparado seis quilómetros na vertical, o que nos deixa com os ouvidos tapados.

— Olha! Um cagalhão Gama a flutuar — diz o Barlow, a rir, para os Lambdas.

Por mesquinho que possa parecer, é sempre bom ver um Gama fazer asneira. Por causa do Louvor, todos eles têm mais comida, mais mechas, mais tudo. Com o tempo, acabamos por desprezá-los. Mas deve ser mesmo essa a intenção. Pergunto-me se agora serão eles a desprezar-nos.

Mas demais é demais. Agarro o puto pelo nanoplástico vermelho-ferrugem do seu fatoestufa e puxo-o para baixo. Puto. Essa só pode ser para rir; nem três anos ele deve ter a menos do que eu.

Está morto de cansaço, mas, ao ver o vermelho-sangue do meu fatoestufa, põe-se todo teso e desvia o olhar do meu, tornando-se então no único a reparar na queimadura na minha mão. Pisco-lhe o olho e

desconfio que, nesse momento, ele se borra todo no fato. Acontece o mesmo a todos nós. Recordo-me de quando conheci o meu primeiro Mergulhão. Achei que ele era um deus.

Entretanto morreu.

Lá em cima, na plataforma de desembarque da estação — uma grande caverna cinzenta feita de metal e de cimento —, tiramos o capacete e inspiramos avidamente o ar frio e fresco de um mundo muito distante das brocas incandescentes. O fedor e a transpiração do grupo depressa transformam aquela área num pântano. Luzes piscam ao longe, avisando-nos para nos mantermos afastados dos carris magnéticos do comboio Horizonte do lado oposto da estação.

Sem nos misturarmos com os Gama, encaminhamo-nos para o comboio Horizonte formando uma fila cambaleante de fatos vermelho-ferrugem; metade exhibe o «L» dos Lambda e a outra metade tem a bengala dos Gama pintada a vermelho-escuro nas costas. Há dois vozes Chefes escarlates e dois Mergulhões vermelho-sangue.

Um grupo de Badamecos observa-nos quando passamos por eles a arrastar os pés no desgastado chão de cimento. As suas duro Armaduras cinzentas são simples e, de tão usadas, têm um aspeto tão mau como o do cabelo deles. Travariam uma faca vulgar e talvez uma de iões, mas uma faca Pulsar ou uma navalha cortá-la-iam como se fosse papel. Mas essas são armas que apenas vimos no holoCan. Os Cinzentos nem sequer se dão ao trabalho de exhibir a sua força. Os seus porretes pendem-lhes junto ao corpo; sabem que não vão ter de os usar.

A obediência é a maior das virtudes.

O Dan Feioso, capitão dos Cinzentos e um sacana todo gordurento, acerta-me com um seixo. Embora tenha a pele queimada do sol, os seus cabelos são grisalhos, em sintonia com a sua Cor. Ralo e fino, cai-lhe para os olhos, dois cubos de gelo passados por cinzas. O Sinete da sua Cor — um compacto símbolo cinzento que parece o número 4 ladeado por uma série de barras — é visível em ambas as mãos, estendendo-se ao pulso. É um símbolo direto e cruel, à semelhança dos próprios Cinzentos.

Ouvi dizer que transferiram o Dan Feioso da frente de combate na Eurásia, seja lá isso onde for, depois de ele ficar estropiado, para não terem de lhe comprar um braço novo. Agora ele usa uma prótese de um modelo antigo. Como isso o faz sentir-se inseguro, certifico-me de que me vê olhar-lhe de fugida para o braço.

— Vi que tiveste um dia empolgante, fofo. — A sua voz é tão pesada e rançosa como o ar no interior do meu fatoestufa. — Agora

és um herói destemido, Darrow? Sempre achei que te revelarias um herói destemido.

— Aqui, o herói és tu — replico, indicando o seu braço com um inclinar de cabeça.

— Achas-te muito esperto, não é?

— Sou só um Vermelho.

Ele pisca-me o olho.

— Diz olá à tua pombinha por mim. Ora ali está uma coisinha mesmo boa de se caçar. — Passa a língua pelos dentes. — Até mesmo para um Ferrugento.

— Nunca vi nenhum pássaro. — Exceto no HC.

— Oh, coitadinho... — Ri-se. — Espera, vais onde? — pergunta, quando me volto. — Uma vénia aos teus superiores não te fará mal nenhum, não achas? — Ri para os compinchas.

Sem ligar à sua troça, volto-me e faço-lhe uma vénia pronunciada. Ao ver isto, o meu tio volta-me costas, enojado.

Deixamos os Cinzentos para trás. Não me importo de fazer vénias ao Dan Feioso, mas, se alguma vez me surgir uma oportunidade, o mais certo é cortar-lhe a garganta. Isto é mais ou menos como dizer que estou com ganas de agarrar numa naveFacho e ir dar uma volta a Vénus.

— Ei, Dago, Dago! — grita o Loran, chamando o Mergulhão dos Gama. O tipo é uma lenda; nenhum outro se aguentou por tanto tempo. Mas talvez eu seja melhor do que ele. — Quanto é que sacaste?

O Dago, uma descolorada tira de couro desgastado, com um sorriso idiota a fazer as vezes de uma cara, acende uma longa mecha e expele uma nuvem de fumo.

— Não sei — responde numa voz arrastada.

— Diz lá!

— Não me interessa. O valor em bruto nunca é o que conta, Lambda.

— Um raio é que não conta! Quanto é que ele sacou esta semana? — pergunta o Loran para o grupo enquanto vamos subindo para o elétrico. Estão todos a acender mechas e a puxar da cerveja, mas não lhes escapa nem uma palavra da conversa.

— Nove mil oitocentos e vinte e um quilos — gaba-se um Gama. Ao ouvir isto, recosto-me e sorrio. Os Lambda mais jovens dão gritos entusiásticos. Os velhadas não reagem. Entretenho-me a pensar em tudo o que a Eo poderá fazer com açúcar este mês. Nunca ganhámos açúcar senão às cartas. E fruta também. Já ouvi dizer que, com o Louvor, recebemos fruta. O mais provável é ela dá-la toda a crian-

ças esfomeadas, só para provar à Sociedade que não precisa dos seus prémios. Já eu, preferia comer a fruta e brincar à política depois, já de barriga cheia. Mas ela é apaixonada pelas ideias, enquanto eu não tenho nenhuma paixão para além dela.

— Mesmo assim, não vão ganhar — diz o Dago na sua voz arrasada, no instante em que o elétrico arranca. — Mesmo sendo novinho, o Darrow é esperto que chegue para saber isso. Não és, Darrow?

— Novinho ou não, dei-te uma coça, ó cu engelhado.

— Tens a certeza?

— Absoluta. — Com uma piscadela de olho, sopro-lhe uma beijoca. — O Louvor é nosso. Desta vez, podes mandar as tuas irmãs virem buscar o açúcar ao meu distrito. — Os meus amigos desatam a rir, dando com o capacete do fatoestufa na coxa.

O Dago observa-me. Ao fim de um momento, dá uma passa forte na sua mecha, fazendo a ponta brilhar e consumindo-a rapidamente.

— Isto és tu — diz-me ele. Em meio minuto, a mecha fica reduzida ao invólucro.

Ao descer do comboio Horizonte, entro no Duche com o resto das equipas. Trata-se de um espaço frio e bolorento, que cheira exatamente ao que é: um atravancado barracão de metal onde milhares de homens despem o fatoestufa depois de passarem horas a mijar e a suar ali dentro, para tomarem um duche de ar.

Dispo o meu fato, ponho uma das nossas toucas e, nu, avanço para o tubo transparente mais próximo. Há-os às dúzias, alinhados pelo espaço. Ali ninguém se põe a dançar ou a fazer cabriolas para se exhibir; a camaradagem é expressa apenas na exaustão e no bater ao de leve das mãos nas coxas, criando um ritmo em conjunto com o sopro do ar nos duches.

Nas minhas costas, a porta do meu tubo fecha-se com um silvar, abafando a música. Ouço a já conhecida trepidação do motor, seguindo-se uma poderosa descarga de atmosfera e o ressoar da aspiração quando o ar saturado de moléculas antibacterianas desce a chiar do alto da máquina, varrendo-me o corpo e arrastando a pele morta e a sujidade para o ralo na base do tubo. É doloroso.

A seguir, despeço-me do Loran e do Kieran, que seguem para o Comum, onde irão dançar e beber pelas tabernas antes do início oficial da dança da Ocasia do Louvor. À meia-noite, os Badamecos distribuirão as pensões de alimentos e anunciarão o Louvor. Antes e depois disso, haverá baile para nós, os do turno diurno.

Segundo as lendas, o deus Marte é o pai das lágrimas e o inimigo das danças e dos alaúdes. Concordo com a primeira parte. Mas nós, os habitantes da colônia de Lykos, uma das primeiras a formar-se no subsolo de Marte, somos uma gente amiga das danças, das cantigas e da família. Desprezando a lenda, instituímos os nossos direitos de nascença. Não nos é possível nenhum outro ato de resistência contra a Sociedade que nos governa. Isso dá-nos algum orgulho. Eles não se importam com as nossas danças nem com a nossa cantoria, desde que continuemos a escavar obedientemente. Desde que continuemos a preparar o planeta para receber o resto dos seus. Ainda assim, para que não esqueçamos o nosso lugar, eles decidiram que uma canção e uma dança em particular são puníveis com a morte.

O meu pai fez, dessa dança, a sua última. Vi-a uma única vez e também só ouvi a canção uma vez. Era miúdo e não a entendi; falava de vales distantes, de amantes que se perderam e de um ceifeiro que nos guiaria até um lar que ainda não conhecíamos. Ainda muito pequeno, ouvi, curioso, uma mulher a cantá-la enquanto o seu filho era enforcado por ter roubado alimentos. Parecia que viria a ser um rapaz alto, mas nunca tinha comida suficiente para pôr alguma carne em cima dos ossos. A mãe dele morreu logo a seguir. O povo de Lykos fez o Réquiem Surdo em homenagem a ambos — um trágico batucar com o punho cerrado no peito, diminuindo de intensidade muito lentamente, até que os punhos, tal como o coração dela, pararam de bater; em seguida, a multidão dispersou.

Aquele barulho atormentou-me a noite inteira. Sozinho na nossa pequena cozinha, chorei, perguntando-me porque estaria a chorar naquela ocasião quando não chorara pelo meu pai. Estendido no chão frio, ouvi alguém arranhar ao de leve à porta da minha família. Fui abrir e então dei com um rebento de *haemantbus* enfiado na terra vermelha; não vi viva alma, apenas as pegadas muito pequenas da Eo. Essa foi a segunda vez que ela trouxe flores após uma morte.

Uma vez que as cantigas e as danças nos estão no sangue, suponho que não é uma surpresa ter sido no decorrer de ambas que eu me dei conta de que amava a Eo. Não a Eo pequena; não como ela era então, mas como é hoje em dia. Ela diz que já me amava antes de terem enforcado o meu pai. Mas foi numa taberna cheia de fumo, com os seus cabelos ruivos a remoinharem, com os seus pés a seguirem a melodia da cítara e com as suas ancas a abanarem ao bater dos tambores que o meu coração parou por instantes. Não foram as suas rodas nem as suas cabriolas, nem nenhuma daquelas palermices exibicionis-

tas de que as danças dos mais novos estão cheias. Os movimentos dela eram graciosos e orgulhosos. Sem mim, a Eo não teria o que comer; sem ela, eu não teria como viver.

Ela mete-se comigo por eu dizer isto, mas o espírito do nosso povo é ela. Foi-nos dada uma vida dura. O nosso dever é sacrificarmo-nos em benefício de homens e de mulheres que não conhecemos; é escavar para preparar Marte para outros. Isso faz alguns de nós encherem-se de más ideias. Mas a bondade da Eo, o seu riso e a sua vontade indómita são o melhor que pode haver num lar como o nosso.

O distrito periférico onde a minha família mora fica a menos de um quilómetro do Comum; chega-se lá por um tunelestrada. Olho em volta, à procura da Eo. Aquele distrito é um de duas dúzias que rodeiam o Comum. Semelhante a uma colmeia, faz-se de um aglomerado de casas escavadas nas paredes de rocha das antigas minas. A terra e as rochas são o nosso teto, o nosso chão, o nosso lar. O clã é uma família gigante. A Eo cresceu a dois passos da minha casa. É como se os seus irmãos fossem meus irmãos também. O seu pai poderia ser o pai que eu perdi.

Um emaranhado de fios elétricos estende-se pelo teto da caverna, como uma selva de videiras pretas e vermelhas. Dessa selva pendem luzes, que vão balançando suavemente com a circulação de ar do sistema central de oxigénio do Comum. Mesmo ao centro do distrito está suspenso um enorme holoCan. Trata-se de um cubo que vai passando imagens em todas as faces. Tem muitos píxeis mortos e a imagem é escura e pouco definida, mas nunca deixou de trabalhar, nunca se apagou. A sua luz pálida banha o nosso aglomerado de casas. São exibidos vídeos da Sociedade.

A casa da minha família foi escavada na rocha, cem metros acima do chão do distrito. Um caminho inclinado sobe de lá do fundo até ao nosso piso, embora também haja cordas e roldanas para nos levarem até aos níveis superiores do distrito. Mas só os velhos e os doentes os usam. E não temos muitos, seja de uma variedade ou de outra.

Na nossa casa não há muitos quartos. Só recentemente é que eu e a Eo pudemos ter um só para nós. O Kieran e a sua família ocupam dois quartos e a minha mãe e a minha irmã dividem o outro.

Todos os Lambda de Lykos vivem no nosso distrito. Para um lado e para o outro, a apenas um minuto de viagem por dois largos túneis, vivem os nossos vizinhos, os Ómega e os Ípsilon. Estamos todos ligados. Tirando os Gama. Esses, vivem no Comum, por cima das

tabernas, das oficinas, das lojas de sedas e dos bazares. Os Badamecos vivem acima deles, numa fortaleza, junto à superfície árida deste nosso mundo inclemente. É lá que ficam os portos onde chegam os alimentos vindos da Terra para abastecer os pioneiros que aqui foram largados.

Por cima de mim, o holoCan vai exibindo imagens das lutas da humanidade, seguindo-se uma música grandiosa enquanto os triunfos da Sociedade passam em rápido desfile. O símbolo da Sociedade — uma pirâmide dourada dentro de um círculo, com uma barra paralela a cada face, enche o ecrã. A voz de Octavia au Lune, a idosa Soberana da Sociedade — narra o combate que o Homem enfrenta ao colonizar os planetas e as luas do Sistema.

«Desde o surgimento do Homem que a nossa saga enquanto espécie tem sido uma sucessão de guerras tribais. É uma saga feita de provações e de sacrifícios, à medida que nos fomos atrevendo a desafiar os limites naturais. Hoje estamos todos unidos pelo dever e pela obediência, mas a nossa luta em nada difere. Filhos e filhas de todas as Cores, é-nos exigido que nos sacrifiquemos uma vez mais. Hoje, na nossa hora de glória, lançámos às estrelas as nossas melhores sementes. Onde iremos florescer primeiro? Em Vénus? Em Mercúrio? Em Marte? Nas luas de Neptuno ou nas de Júpiter?»

A sua voz torna-se cada vez mais solene à medida que o seu majestoso rosto sem idade nos olha do HC lá no alto. As suas mãos cintilam, o símbolo dos Dourados — um ponto no centro de um círculo alado — gravado nas costas de uma e de outra. Também nos seus antebraços se veem asas douradas. O seu rosto dourado exhibe uma única imperfeição: uma longa cicatriz em meia-lua na maçã do rosto do lado direito. A Soberana é bela como uma cruel ave de rapina.

«Vós, os destemidos pioneiros Vermelhos de Marte, os mais fortes de toda a raça humana, sacrificais-vos em prol do progresso; sacrificais-vos para abrir o caminho do futuro. As vossas vidas, o vosso sangue, são o preço a pagar pela imortalidade da raça humana, ao irmos além da Terra e da Lua. Vós chegais aonde nós não conseguimos chegar. Vós sofreis para que outros não sofram.»

»Eu saúdo-vos. Eu amo-vos. O hélio-3 que extraís é a seiva do processo de terraformação. Em breve, o planeta vermelho terá ar respirável e um solo habitável. E em breve, quando for possível viver em Marte, quando vós, bravos pioneiros, tiverdes preparado o planeta vermelho para nós, os das Cores mais suaves, juntar-nos-

-emos a vós e então, sob o céu criado pelo vosso labor, sereis tidos na mais alta estima. O vosso suor e o vosso sangue são o motor da terraformação!»

»Valorosos pioneiros, não esqueçais nunca que a obediência é a maior das virtudes. Acima de tudo, a obediência, o respeito, o sacrifício, a hierarquia...»

Entro na cozinha da minha casa, que está vazia, mas então ouço a Eo no nosso quarto.

— Para onde estás! — ordena ela por trás da porta. — Aconteça o que acontecer, não olhes cá para dentro.

— Está bem. — Paro.

Ela sai do quarto um minuto depois, corada e excitada. Tem o cabelo todo sujo de pó e de teias. Passo os dedos por aquele emaranhado. Ela acaba de sair do Teial, onde é colhida a bioSeda.

— Não foste ao Duche — comento, sorridente.

— Não tive tempo. Tive que me escapulir do Teial para ir buscar uma coisa.

— O quê?

Ela sorri-me com doçura.

— Não foi por eu te contar tudo que te casaste comigo, não te esqueças. E não entres naquele quarto.

Tento avançar para a porta. Ela barra-me o caminho e puxa-me para os olhos a fita que uso na cabeça. Sinto a testa dela contra a minha face. A rir, tiro a fita dos olhos; agarrando-lhe os ombros, afasto-a o suficiente para a encarar.

— Senão acontece-me o quê? — pergunto de sobrolho erguido.

Ela limita-se a sorrir-me e a inclinar a cabeça para o lado. Afasto-me da porta de metal. Sou capaz de mergulhar em poços de minas meio derretidos sem sequer pestanejar; acontece que há avisos que podemos ignorar e outros que não.

Pondo-se em bicos de pés, a Eo dá-me um beijo no nariz.

— Menino bonito; eu sabia que não ias ser difícil de ensinar — graceja. Mas então o seu próprio nariz franze-se ao cheirar a minha queimadura. A minha mulher não se põe com mimos nem me repreende; limita-se a dizer-me: «Eu amo-te», com tão-só uma ligeira nota de preocupação na voz.

Põe-se a catar os pedacinhos derretidos do fatoestufa da ferida, que vai dos nós dos dedos até ao pulso, e depois envolve-a numa tira de teia besuntada de antibiótico e de neuronucleico, que aperta bem em volta da minha mão.

— Onde é que arranjaste isso? — pergunto-lhe.

— Se eu não te dou sermões, tu não me fazes interrogatórios.

Dou-lhe um beijo no nariz e ponho-me a mexer no fino anel de cabelo entrançado no seu anelar. A sua aliança matrimonial é feita de cabelos meus entrelaçados com fios de seda.

— Esta noite tenho uma surpresa para ti — diz-me a Eo.

— E eu tenho uma para ti — replico, pensando no Louvor. Ponho-lhe na cabeça a minha fita para a transpiração, como se fosse uma coroa. Ela franze o nariz ao sentir-lhe a humidade.

— Bem, na verdade tenho duas surpresas para ti, Darrow. É uma pena não teres pensado nas coisas antecipadamente. Podias ter-me trazido um cubo de açúcar, um lençol de cetim ou... talvez mesmo café; iria bem com o primeiro presente.

— Café! — Rio-me. — Com que Cor julgas tu que casaste?

Ela suspira.

— Casar com um Mergulhão não compensa, de maneira nenhuma. São todos loucos, teimosos, imprudentes...

— Hábeis com as mãos...? — pergunto com um sorriso malandro, já com uma mão debaixo da sua saia, a subir-lhe pela perna.

— Admito que tem as suas vantagens. — Sorrindo, a Eo enxota-me a mão, como se fosse uma aranha. — E agora calça estas luvas, a menos que queiras ouvir ralhetes das mulheres. A tua mãe já foi andando.